



Museu Virtual na Amazônia: uma proposta de protagonismo das artistas indígenas em Roraima

Virtual Museum in the Amazon: a proposal for the protagonism of indigenous artists in Roraima

Cleane da Silva Nascimento

<https://orcid.org/0000-0003-2524-2391>

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia – Educanorte. Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima.

<http://lattes.cnpq.br/6215667743121311>

cleane.silva@ufr.br.

Ananda Machado

<https://orcid.org/0000-0002-3363-2587>

Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professora no Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, no doutorado Educanorte, no Proffhistoria e no Mestrado em Letras. Bolsista CNPQ é líder do grupo de pesquisa Literaturas Indígenas, Africanas e Caribenhas.

<http://lattes.cnpq.br/1012133793187374>

Ananda.machado@ufr.br.

Paulo Sérgio Maroti

<https://orcid.org/0000-0002-6883-1623>

Doutor em Ciências (2002) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR); Professor Associado IV da Universidade Federal de Roraima (UFRR) atuando na Licenciatura em Educação do Campo/LEDUCAR da UFRR.

<http://lattes.cnpq.br/1982786216321208>

paulo.maroti@ufr.br.

Resumo

A presente proposta visa discutir o potencial da construção de um Museu Virtual para a exposição das Artes de Mulheres Indígenas em Roraima com fins pedagógicos, visando contribuir com a implementação da Lei nº 11.645/2008. A partir do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), recurso que será disponibilizado gratuitamente na web, propiciaremos a divulgação e a democratização das artes e das histórias de mulheres indígenas em Roraima. Assim, o discente, na interação com o Museu, será um sujeito ativo, reflexivo e crítico. A metodologia utilizada será a pesquisa qualitativa, com resultados que permitirão a experiências inovadoras na proposição de um espaço de exposição do protagonismo das mulheres indígenas nas artes e a fim de contribuir com o processo de ensino/aprendizagem dos discentes.

Palavras – chave

Amazônia; Cultura digital; Museu virtual; Lei nº 11.645/2008.

Virtual Museum in the Amazon: a proposal for the leading role of indigenous artists in Roraima

Abstract

This proposal discuss the potential of building a Virtual Museum with the Arts of Indigenous Women in Roraima and its pedagogical use, aiming to contribute to the implementation of Law nº 11.645. Using Information and Communication Technologies (ICT), a resource that will be made available free of charge on the web, we will promote the dissemination and democratization of the arts of indigenous women in Roraima and their stories. And so the student, when interacting with the Museum, will be an active, reflective and critical subject. The methodology used consists of qualitative research, with results that allow the experience of innovative experiences in proposing a space for indigenous women and students to play a leading role in the teaching/learning process.

Keywords

Amazon; Digital Culture; Virtual Museums; Law No. 11.645/2008.

1. Introdução

A produção artística indígena contemporânea é indissociável das mobilizações indígenas atuais, principalmente quando pensamos nas lutas por território e nas vivências indígenas em uma sociedade cada vez mais globalizada.



Além disso, cabe dizer que a Amazônia apresenta singularidades e novos significados em relação ao restante do país e do mundo, principalmente quando tratamos da discussão cultural dos povos originários.

Diante disso, apresentamos a proposta de um Museu Virtual, desenvolvida a partir de uma pesquisa de doutoramento, como uma alternativa para alcance de todos os públicos, sendo eles indígenas ou não, moradores de Roraima ou de qualquer lugar do mundo, como uma estratégia que visa preencher as lacunas, tanto no sentido de levar a arte indígena para pessoas mais “distantes”, como cumprir a legislação.

O artigo 26, inciso 2º da Lei 12.287, de 13 de julho de 2010 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) - Lei 9394/96, no tocante ao ensino de arte, com vistas a “promover o desenvolvimento cultural dos alunos”, bem como a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, obrigam a inclusão da arte, da história e da cultura dos povos originários nas escolas.

Quando destacamos todos os públicos, também estamos trazendo para a discussão e a educação voltada para as pessoas com deficiência, pois dentre as possibilidades ofertadas pelo museu apresentaremos uma ferramenta que atenda tanto as pessoas com deficiência visual, pois a visita ao museu será guiada por meio de áudio, quanto as pessoas surdas que terão acesso a tradução simultânea na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Além disso, buscaremos a tradução para as línguas indígenas *Macuxi* e *Wapichana*, em virtude do mapeamento prévio realizado apontar para artistas indígenas mulheres dessas etnias residentes no município de Boa Vista – RR, que são as etnias das artistas, de modo a proporcionar um processo o mais inclusivo possível.

Nesta perspectiva, a presente proposta destaca o uso das TIC por meio do processo de virtualização para a criação de um museu virtual que terá como temática a Amazônia, que será marcado por símbolos do lavrado, da floresta e dos espaços nos quais os povos originários se sentem representados e propiciará ao visitante, seja ele de qualquer parte do mundo, um momento de descoberta e mergulho nas histórias e artes *Macuxi* e *Wapichana*.



2. *Museus Virtuais e o protagonismo dos Povos Indígenas nas Artes*

Partindo do pressuposto que os museus surgem na Europa e foram trazidos ao Brasil em uma perspectiva colonialista, a presente proposta visa conceber outras possibilidades de musealização de objetos de arte.

Para tanto, se faz necessário pensar como objetos a partir de uma historiografia a partir de autores comprometidos com uma leitura histórica, de modo a propiciar uma atenção crítica a partir do colonialismo e dos processos de dominação.

Para Levy (1996) “a virtualização atinge mesmo as modalidades do estar, a constituição do nós: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual [...]” (p. 02). Desse modo, a partir da análise do “que é o virtual?” é possível construir um espaço favorável para a produção do conhecimento.

De acordo com Vasconcelos (2014) os Museus Virtuais cadastrados no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) pertencem às regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste. Atualmente já existem também na região nordeste, como o Museu da Gente Sergipana. Entretanto, ainda se evidencia a carência da Amazônia nesses espaços. E sobretudo denuncia as poucas iniciativas que partem da região Norte.

Dentre os espaços virtuais que contemplam as artes indígenas, encontramos o *Google Artes Culture*, que dispõe do Museu do Índio¹, da Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI, instituição que visa preservar e promover o patrimônio cultural indígena.

O Museu da Pessoa apresenta a exposição Museu Vidas Indígenas e traz discussões dos homens e mulheres, lideranças indígenas de diversas etnias, sendo: *Wapichana*, *Tupinambá*, *Jekupé*, *Owerá*. Essas pessoas discutem sobre movimento, território, corpo e ancestralidade, e trazem em suas falas o discurso referente ao direito pela demarcação das terras e da vida dos povos originários.

Muitas obras de autoria indígena vêm sendo divulgadas na galeria do Prêmio Investidor Profissional de Arte (PIPA), que é uma iniciativa do Instituto PIPA e tem por objetivo “premiar e dar visibilidade aos artistas que foram destacados por suas obras e que já são conhecidos no cenário artístico brasileiro. Não se trata de revelar novos artistas” (PIPA, 2023, s/p). Criado em 2010, o prêmio PIPA surgiu em parceria com o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), com as exposições dos finalistas (quatro em cada ano). Dentre os indicados e vencedores do prêmio temos

¹ <https://artsandculture.google.com/partner/museu-do-indio>



quatro indígenas: Jaider Esbell (Vencedor do PIPA Online 2016, e indicado ao Prêmio PIPA 2021); Arissana Pataxó (2ª colocada no PIPA Online 2016); Denilson Baniwa (Vencedor do PIPA Online 2019-, e indicado ao PIPA 2019 e 2021) e Daiara Tukano (Indicada ao Prêmio PIPA nas edições 2021 e 2023 e Vencedora do PIPA Online edição 2021).

Dentre os vencedores desse prêmio, daremos destaque as mulheres premiadas, uma vez que a nossa proposta consiste na construção de um Museu Virtual com obras de arte de Mulheres Indígenas.

Arissana Pataxó é uma artista plástica nascida em Porto Seguro, na Bahia. Reside atualmente em Coroa Vermelha, localizada no sul do estado da Bahia e atua como professora de Artes em um colégio estadual indígena. Dentre os trabalhos realizados pela artista estão estudos sobre a poética dos povos indígenas na contemporaneidade, trabalhando a pintura e a fotografia. Sua primeira exposição individual intitulada “Sob o olhar Pataxó” aconteceu no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia - UFBA (Salvador – BA). Posteriormente, participou de diversas outras exposições e foi indicada e premiada com o 2º Lugar do Prêmio PIPA Online 2016. Cabe destacar que nesse período foi a única mulher indígena a participar do prêmio.

Daiara Tukano nasceu em São Paulo e é do povo indígena Tukano – Yé'pá Mahsã, clã Eremiri Hãusiro Parameri do Alto Rio Negro na Amazônia Brasileira. É artista, ativista, educadora e comunicadora. Graduada em Artes Visuais e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília (UnB), pesquisa o direito à memória e à verdade dos povos indígenas. Foi coordenadora da Rádio Yandê, primeira web-rádio indígena do Brasil², de 2015 a 2001³. Com curadoria da artista e ativista indígena *Daiara Tukano*, dentre outros 50 indígenas, apresentou obras de artistas como *Paulo Desana*, *Denilson Baniwa* e *Jaider Esbell*, na exposição *Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação*⁴ ficou disponível em 2023, no Museu da Língua Portuguesa.

Nhe'ẽ Porã aconteceu presencial em São Paulo como ação de abertura no Brasil da Década Internacional da Línguas Indígenas, em 2022, mas também foi disponibilizada virtualmente, podendo, ainda no momento presente, ser acessada de qualquer lugar do mundo.

² Disponível em <- www.radioyande.com>. Acesso em 02 de maio de 2024

³ Disponível em < <https://www.daiaratukano.com/bio>> Acesso em 02 de maio de 2024.

⁴ Disponível em < <https://nheepora.mlp.org.br/>> Acesso em: 30 de jun de 2023.



Loretta Emiri criou recentemente uma página do facebook⁵ denominada Museu Virtual Yanomami, na qual registra memórias do povo Yanomami. A página é seguida por 211 (duzentos e onze) seguidores e guarda em seu acervo desenhos, dissertações, livros e outras publicações sobre esse povo.

3. *Mulheres Artistas na construção do Museu Virtual*

A midiaticização no campo das artes indígenas vem crescendo cada vez mais, e Naine Terena de Jesus (2022) apresenta esse conceito da seguinte forma:

A midiaticização tem papel fundamental para que se alicerce o destaque de alguns artistas e construção de suas imagens, ao mesmo tempo, que apaga e coloca em questionamento, outras formas de ‘ser indígena’ e fazer arte. Porém, ela não faz isso sozinha, porque está dentro de um grande sistema social e de poder, que é quem cria e repercute os assuntos sociais que devem ter destaque enquanto notícia e informação (2022, p. 11).

Uma artista indígena roraimense que tem se destacado nesse contexto é a Carmézia Emiliano⁶ que nasceu na Maloca do Japó em Roraima no ano de 1960. Faz trabalho com artes plásticas desde o ano de 1990, relacionado a pintura retratando a cultura macuxi ligada ao seu cotidiano. Em 2019 iniciou uma nova experiência com arte de cerâmica, tendo sua primeira exposição realizada pelo artista roraimense Rafael Pinto, no Serviço Social do Comércio (SESC – Roraima) e no “Congresso cerâmica em Roraima: ancestralidade e diálogo”, também conhecido como Festival das panelas de barro que aconteceu na Comunidade Indígena da Raposa⁷ I, no município de Normandia.

⁵ Disponível em < <https://www.facebook.com/people/Museu-Virtual-Yanomami/61550735717799/?mibextid=LQQJ4d> > Acesso em 16 de nov de 2023.

⁶ Disponível em < <https://www.centralgaleria.com/obras/p/carmezia-emiliano-colhendo-caju>>. Acesso em: 19 de jul de 2023.

⁷ A Terra Indígena Raposa Serra do Sol é composta pelos municípios de Normandia, Pacaraima e Uiramutã no estado de Roraima, onde vivem Povos Indígenas das etnias: Wapichana, Patamona, Makuxi, Taurepang e Ingarikó.



Figura 01: Cartão de apresentação do congresso



Fonte: (UFRR, 2019)

A artista é pioneira no conceito de arte contemporânea e em seu trabalho de pintura traduz como os indígenas macuxi lidam com o seu mundo, trazendo uma sociedade comunitária e consciência ecológica. Participou de diversas exposições, dentre elas se destacam as realizadas no Museu de Arte de São Paulo. As obras da artista *Carmézia Emiliano*, que retratam a vida diária da sua comunidade, espelham a vida do povo Macuxi.

Sony Ferseck, em *Makuxi maimu* (língua Makuxi) *Wei Paasi*, é formada pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) e doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (Poslit/UFF). A artista é poetisa e publicou os livros **Pouco Verbo** (Máfia do Verso, 2013), *Movejo* (Wei, 2020) e **Weiyamî- Mulheres que fazem Sol**, este último com indicação para o Prêmio Jaboti 2023, a artista é co-fundadora da primeira editora independente de Roraima, a Wei Editora.

Georgina Sarmiento é uma artista visual nascida em Boa Vista – Roraima, e pertencente às etnias Makuxi e Wapichana, graduada em Artes Visuais pela UFRR. Traz em sua arte a discussão sobre a estética do corpo gordo feminino por meio do seu contexto cultural e identitário. A artista utiliza técnica de pintura e bordado, e tem participação na autoria do livro **Weiyamî- Mulheres que fazem o sol**.

A Rádio Universitária da UFRR lançou em abril de 2016 o programa “*Kunhantã*”, com o objetivo de dar visibilidade ao protagonismo das mulheres indígenas no Estado de Roraima. O



programa é apresentado pela jornalista indígena Adriã Galvão, da etnia Baré⁸, e é o resultado da sua pesquisa de graduação do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, cujo objetivo é “preservar a história, memória e saberes das mulheres indígenas através das tecnologias de comunicação” (UFRR, 2023).

Todas as biografias aqui apresentadas transmitem o protagonismo já conquistado pelas mulheres indígenas, apesar das dificuldades ainda encontradas diariamente. Essas mulheres trazem o enfrentamento às crises vivenciadas a partir da resistência da sua arte, normalmente ligada às atividades diárias das comunidades indígenas, transformando tudo isso na prática do bem-viver.

De acordo com Jaider Esbell (2021, p. 14) “na sociedade indígena, todos são artistas”. O intelectual macuxi também acreditava que um mundo em que todos são artistas seria mais interessante e factível. Ainda nessa concepção, é notório que as mulheres indígenas, sendo elas artistas ou não, têm enfrentado historicamente diferentes e sucessivas formas de discriminação que se combinam e se sobrepõem, deixando-as expostas a violações de direitos humanos em todas as áreas da vida cotidiana, desde os direitos civis e políticos, até o direito de acesso à justiça, direitos econômicos, sociais e culturais, e o direito a uma vida livre de violência.

4. Possibilidades de um Museu Virtual para contribuir com a implementação da Lei nº 11.645/2008

Tem sido um desafio para as escolas incorporar a temática indígena em seus currículos, materiais didáticos e aulas. A partir da aprovação da Lei nº 11.645/2008, as questões voltadas aos povos originários, mesmo sendo o Brasil um espaço que iniciou sua história a partir da predominância desses povos, ainda não efetivou com qualidade a incorporação de conteúdos indígenas nas salas de aula.

Há ainda pouca clareza de muitos profissionais da educação sobre o tema. Alguns professores reclamam da dificuldade de encontrar materiais que possam nortear esse conhecimento, levando a reprodução desses conteúdos de modo colonialista. Nessa perspectiva, faz-se necessária a criação de novas ferramentas, que busquem democratizar a informação e promover o conhecimento acerca desses temas.

⁸ Povo Indígena que vivem no Rio Xié e alto curso do Rio Negro, no Estado do Amazonas, e na Venezuela.



Para Kayapó e Brito “os povos indígenas são oportunamente lembrados nas aulas de História que tratam da ‘descoberta do Brasil’, da montagem do sistema colonial e, eventualmente, em momentos pontuais da recente história brasileira” (2014, p. 39). Logo, levar para a escola o conhecimento a partir dessas histórias de artistas mulheres indígenas, pode se mostrar um marco, em relação ao conhecimento das pessoas sobre a história de vivência das indígenas narrada por elas mesmas, promovendo assim o protagonismo dos povos originários, que por muito tempo perderam seus espaços em virtude do colonialismo histórico.

Isso nos remete as palavras de Paulo Freire “ensinar significa provocar a curiosidade do educando a tal ponto que ele se transforme em sujeito da produção do conhecimento que lhe é ensinado” (2013, p. 189). É nessa perspectiva que os museus podem contribuir. no sentido de estarem localizados em um tempo-espaco histórico-social.

Discutimos ainda os princípios freireanos presentes em Museu e Educação, quando ele traz a educação museal como fundamental para a construção e ressignificação do pensamento a partir da teoria e prática

Em 2005 foi criada uma Comissão para instituir as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais. A última recomposição da Comissão, em 2014, elaborou o Parecer CNE/CEB nº 14 de 2015, que observou problemas persistentes relacionados a representação dos povos indígenas no imaginário social brasileiro, sendo elas: a imagem do indígena como um ser do passado; a negação de traços culturais (sem escrita e sem tecnologias); a omissão e simplificação do papel indígena na história brasileira; uma noção de “índio” genérico, considerando traços culturais de um povo para todos os outros; uma oposição entre “índio puro”, que vive na Amazônia e os “contaminados pela civilização”; a ocultação da existência concreta de povos indígenas particulares; a ênfase no empobrecimento material dos modos de vida dos povos indígenas. Tudo isso acaba por reforçar preconceitos e produzir desinformações sobre os povos indígenas.

O estudo da temática indígena na Educação Básica e nos outros segmentos, precisa deixar em evidência que esses povos são muitos e variados, com suas organizações próprias, falando diversas línguas, com suas cosmologias, modo de fazer e pensar. Eles precisam reconhecer e respeitar o direito originário sobre suas terras e sua relação coletiva com seus territórios. As características desses povos, com enfoque na oralidade, suas relações com a natureza e especificidades culturais, precisam estar presentes no ensino de história, literatura e artes, evidenciando o quanto seus conhecimentos e fazeres



estão presentes no modo de vida dos brasileiros. Faz-se necessário, ainda, reconhecer o caráter dinâmico de suas culturas e das transformações que os povos indígenas passam diante do contato com a sociedade na qual estão inseridos. É preciso evidenciar que os povos indígenas não estão se extinguindo e sim aumentando. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2022) houve um aumento de 89% de pessoas em relação ao censo de 2010.

A metodologia que pretendemos na construção desse museu virtual preconiza o protagonismo das mulheres artistas aqui mencionadas e pretende funcionar de acordo com o Parecer CNE/CEB nº 14 de 2015, que estabelece as diretrizes operacionais para implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei Federal nº 11.645/2008. A primeira fase centra-se na pesquisa bibliográfica, recorrendo a uma seleção de trabalhos publicados na área de *Museus Virtuais, TIC e Ensino de Artes Visuais*. Em seguida, propomos o mapeamento de artistas Indígenas ligadas tanto as artes plásticas como a poesia); Posteriormente a curadoria coletiva para escolha das obras à serem utilizadas, concomitante com a construção de um Plano Museológico, em que apresente os conceitos à serem elencados, os princípios, formas de comprometimento do museu com a sociedade e por fim, a construção do Museu Virtual; A proposta visa antes de qualquer coisa, ser apresentada em uma escola pública e como recolha de dados será utilizada a entrevista semiestruturada, com perguntas abertas e fechadas (Minayo, 2001). A análise dos dados será realizada de forma qualitativa e consistirá em conceber como a proposta foi recebida pela comunidade escolar e descrever como a percepção dos alunos foi e se foi modificada a partir da cultura indígena.

5. Considerações Finais

A Lei Federal nº 11.645 de 10 de março de 2008, torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. A implementação da presente legislação se mostrou um marco, pois ainda que não no formato imaginado por muitos, principalmente pelos povos indígenas. Os profissionais da educação têm se esforçado para narrar a história desses povos em outras perspectivas, diferente do que eram apresentados nos livros até os anos 2000. Entretanto, ainda são muitos os desafios para apresentar um espaço de ensino/aprendizagem com a cultura vivenciada de fato como cada povo indígena gostaria que fosse vista.



A criação e utilização de um Museu Virtual construído ~~junto~~ com vistas a destacar as mulheres que buscam apresentar suas culturas para o mundo, é uma forma também de permitir a democratização ~~desse~~ e promover espaços afirmativos, a partir de uma política de Educação Museal, ou seja, “processo no qual atividades pedagógicas são ofertadas pelos museus através de seus setores educativos ou propostas por professores que realizam visitas com estudantes nesses espaços de formação” (Braga, 2016, p. 63).

Nesta perspectiva, as TIC surgem como uma ferramenta preponderante e que coaduna para ajudar na intermediação dessa proposta, uma vez que permite a criação de um recurso, bem como a divulgação do Museu Virtual de Artistas Mulheres Indígenas para todos os espaços do mundo.

6. Referências

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

_____. **Lei 12.287, de 13 de julho de 2010.**

_____. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, 2008. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm> Acesso em: 17 nov. 2023.

_____. Ministério de Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 14 de 2015.**

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes, Educação Museal. **Revista Presença Pedagógica**, v. 22, n. 131).

CONSIGLIO, Thiago. Paulo Freire, mediador cultural: questões para uma epistemologia da educação museal. In: CASTRO, Fernanda; SIQUEIRA, Juliana; CONSIGLIO, Thiago; PINHEIRO, Adson (Org.). **Paulo Freire e a Educação Museal dos vínculos históricos às ações para o esperar. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2022.**

ESBELL, Jaider. Na sociedade indígena, todos são artistas. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 27, n. 41, p. 14-48, jan.-jun, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2.^a Ed. 2013.

JESUS, Naine Terena de. **Arte Indígena do Brasil: midiaticização, apagamentos e ritos de passagens**. Cuiabá: Oráculo Comunicação, Educação e Cultura. 2022.



KAYAPÓ, Edson. BRITO, Tamires. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? **Mneme – revista de humanidades**. Caicó, v. 15, n. 35, p. 21-37, jul./dez. 2014.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

VASCONCELOS, Karla Colares. **As práticas educativas digitais nos museus virtuais**. 2014.

130f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2014.

Artigo submetido em 19/11/2023, aceito em 30/04/2024 e publicado em 17/07/2024.

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.30, n.01, e7949, Jan./Jun. 2024.

DOI: <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v30i01.7949>

<https://revista.ufrr.br/textosedebates/>

ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).